

VIVÊNCIA E APRENDÊNCIA: TROCANDO SABERES E RESSIGNIFICAÇÕES SOB A PAISAGEM DE BUÍQUE – PE

EXPERIENCE AND LEARNING: EXCHANGING KNOWLEDGE AND MEANING
UNDER THE LANDSCAPE OF BUÍQUE - PE

98

Maria Cristina Tavares¹

maria.ctavares19@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco – Brasil

Graciele Selma da Silva²

graci_selma@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco – Brasil

Joyce Marcelle Guerra³

marcellejoy@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco - Brasil

Submetido em 31 de julho de 2019

Aceito em 11 de outubro de 2019

Resumo

Este trabalho visa apresentar um relato de experiência acerca da aula de campo vivenciada no município de Buíque. A atividade surgiu a partir da disciplina eletiva Educação do Campo, componente curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nesse contexto, refletindo a luz da geografia crítica sobre o “espaço” como um conceito fundamental nos estudos geográficos, buscamos compreender com essa vivência, a realidade do lugar e a perceptível paisagem constituída não só por aspectos naturais, mas, pela dinâmica socioeconômica e cultural produzidos e ou vivenciados pelos agentes sociais que compõem o lugar. Para tanto, respaldamos teoricamente nos estudos de Santos (1988); Albuquerque (2014); Arroyo (2012) entre outros. Contudo, pode-se

¹ Pedagoga, mestranda do programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades UFRPE/Fundaj.

² Pedagoga, Pós graduanda Tecnologias Digitais nas Metodologias Ativas para o Ensino.

³ Pedagoga graduada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

considerar que a ação possibilitou a compreensão da prática pedagógica como proposição da ação-Reflexão aproximando um diálogo necessário a criticidade da realidade vivida pelos diferentes sujeitos habitantes dos diferentes espaços. A leitura geográfica da experiência numa perspectiva de análise crítica, evidenciou uma complexa percepção acerca dos dilemas que permeiam o espaço e a paisagem intrínsecos ao movimento e realidade da sociedade.

Palavras-Chave: Vivência; Buíque; Geografia Crítica

Abstract

This paper aims to present an experience report about the field class lived in the municipality of Buíque. The activity arose from the elective discipline Education of the Field, curricular component of the Degree in Pedagogy of the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). In this context, reflecting the light of critical geography about "space" as a fundamental concept in geographic studies, we seek to understand with this experience, the reality of the place and the noticeable landscape constituted not only by natural aspects, but by socioeconomic and cultural dynamics. produced and or experienced by the social agents that make up the place. For such, we support theoretically in the studies of Santos (1988); Albuquerque (2014); Arroyo (2012) among others. However, it can be considered that the action made possible the comprehension of the pedagogical practice as proposition of the Action-Reflection approaching a necessary dialogue the criticality of the reality lived by the different subjects inhabiting the different spaces. The geographical reading of experience from a critical analysis perspective, evidenced a complex perception about the dilemmas that permeate space and landscape intrinsic to the movement and reality of society.

Keywords: Experience; Buíque; Critical Geography

Introdução

Este trabalho visa apresentar um relato de experiência acerca da aula de campo vivenciada no Município de Buíque. A atividade surgiu a partir da disciplina eletiva Educação do Campo, componente curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A aula de campo aconteceu no mês de outubro de 2016, com a visita em três locais: em Buíque, no Assentamento Dois Irmãos e Vale do Catimbau e em Pesqueira, na comunidade indígena Xukuru. A proposta reuniu uma equipe multidisciplinar formada por estudantes dos cursos de licenciatura em Pedagogia, Ciências agrárias e Biologia, objetivando vivenciar práticas educativas coerentes com a luta e a história de vida de cada sujeito inserido em diferentes contextos e, conseqüentemente,

atentar para o processo contínuo de aprendizagem do SER educando que é também SER político, crítico e social na busca constante de humanização.

O Assentamento Dois irmãos foi o primeiro a ser visitado, conhecemos e interagimos com uma comunidade muito carente em um cenário marcado pela seca e pelo descaso das políticas públicas. Mas apesar desse cenário, encontrar nas falas das pessoas sonhos, esperança de quem acredita em mudança através da educação, foi a força motriz para a equipe da Pedagogia mobilizar e realizar posteriormente uma ação pedagógica social no assentamento.

Nesse contexto, refletindo a luz da geografia crítica sobre o “espaço” como um conceito fundamental nos estudos geográficos, buscamos compreender com essa vivência, a realidade do lugar e a perceptível paisagem constituída não só por aspectos naturais, mas, pela dinâmica socioeconômica e cultural produzidos e ou vivenciados pelos agentes sociais que compõem o lugar.

A questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência (SANTOS, 1988, p.14).

Assim, o espaço geográfico torna-se fundamental a dinâmica humana, estabelecendo uma relação direta com as condições naturais e sociais. Dessa forma, ao tentar-se buscar entender a dinâmica do assentamento a partir das categorias geográficas, é inevitável refletir sobre a situação dos assentados, tanto em termos de área ocupada, quanto em termos de famílias assentadas.

De acordo com Albuquerque (2014), a geografia crítica (baseando-se no materialismo histórico dialético como método) busca analisar as estratégias, os conflitos e as contradições promovidos pelo capital materializados no espaço. Possibilitando assim, uma compreensão de totalidade de mundo e das questões do espaço habitado, quanto a forma de vida, relações interpessoais, interação com o meio e organização. Ou seja, arraigado de objetivações e subjetivações.

Corroborando com essa reflexão, Vieira (2000 apud Santos 1997), enfatiza que o espaço é formado pelo conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. O espaço deve ser concebido como um fator e não como causa, pois, ele “testemunha a realização da história, sendo ao mesmo tempo, passado presente e futuro”.

Ainda de acordo com Milton Santos 1988, para conceituação do espaço geográfico necessário considerar a realidade atual, contribuindo assim para o “[...] entendimento do mundo atual, da apropriação dos lugares realizada pelos homens, pois é através da organização do espaço que eles dão sentido aos arranjos econômicos e aos valores sociais culturais construídos historicamente. Dessa forma, para caracterizar o espaço do assentamento é preciso considerar sua dinâmica, os aspectos sociais e culturais que nele são desenvolvidos.

Situando o cerne da experiência

O assentamento Dois Irmãos, é composto por uma comunidade de agricultores, assentados há 19 anos que conquistaram a posse da terra por meio da Reforma Agrária através das lutas de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Sem Terra) que abrange a luta dos trabalhadores rurais e sem-terra a nível Nacional. Molina (2006)⁴ afirma que foi com a chegada do MST nos anos de 1990, que a realização de ocupações se generalizou. Assim, mesmo sem os assentados “[...] estarem orientadas para a realização de uma reforma agrária “massiva”, como exigiam os movimentos de trabalhadores, foram se concentrando nas áreas em que estes movimentos atuavam, levando ao surgimento quase que de áreas reformadas a posteriori”. No caso do Assentamento Dois Irmãos, as ações do MST junto a comunidade resultaram na conquista da terra.

Em 2016, quando ocorreu a nossa vivência no assentamento, não chovia regularmente desde 2012, aspecto que dificulta consideravelmente a vida de uma comunidade cuja paisagem (redesenhada) embora dinâmica, estava marcada por traçados historicamente

⁴ Molina, Mônica Castagna-Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão.

excludentes. Uma vez visibilizada e excluída a comunidade não podia contar com um programa de irrigação para favorecer o plantio. Josué de Castro (1984)⁵ relata que toda Paisagem do Sertão nordestino é marcada por uma nítida e inconfundível influência da falta de água. O solo arenoso, pouco espesso, quase sempre pobre em elementos nutritivos tornam o clima nordestino um fator de degradação da vida do homem na região semidesértica.

Assim, nos longos períodos de seca o sertanejo passa por um regime de subalimentação, limitando a quantidade e a variedade de alimentos, reduzida ao consumo de um pouco de milho, feijão e farinha de mandioca. Nesse sentido, Albuquerque (2014) nos faz refletir que a compreensão do espaço como categoria de análise irá dá suporte ao conhecimento de outras categorias como a paisagem. Assim, Gomes (2007) *apud* Albuquerque (2014) mostra que a paisagem não existe em si, mas sim, a partir de quem observa. Nesse contexto da dinâmica da paisagem a partir de um movimento cíclico, no período de chuva, a produção agrícola básica do local é batata doce, macaxeira, feijão, milho e hortaliças. Quanto a criação de animais, há mais presença da criação de cabras, típico das regiões secas do Nordeste Pernambucano. Poucos, conseguem manter umas cabeças de gado e porcos. Basicamente a renda das famílias, se resume ao Bolsa Família e ao benefício de aposentadoria rural para os que conseguiram.

Existe uma escola na comunidade que atende a educação de crianças, ensino fundamental I e II e EJA (Educação de Jovens e Adultos). As Professoras são de Municípios vizinhos como Arcoverde e recebem capacitação da GRE (Gerência Regional de Educação) e do MST, que tem programas para formação de Professores para a educação do campo, nesse caso dos assentados. Assim:

[...] tal formação deve assentar-se em princípios universais já consagrados no setor das ciências da educação, e que leve em conta que o campo é constituído de especificidades que não podem ser ignoradas nos processos educativos, mais que isso, essas especificidades somente estarão presentes se o professor tiver tido formação adequada Formação essa, que busca capacitar as/os professoras/es para atenderem as

⁵ Em Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço, Josué de Castro traça o primeiro mapa das áreas alimentares no Brasil. Dividindo em 5 áreas: Amazônica, Nordeste açucareiro, Sertão Nordestino, Centro Oeste e extremo Sul.

necessidades dos estudantes em relação a sua identidade e a conscientização política quanto sujeitos de Direitos (MOLINA, 2006, p.24).

Nessa linha de entendimento “[...]reflexão e mundo, subjetividade e objetividade não se separam, opõem-se, implicando-se dialeticamente. A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da práxis constitutiva do mundo humano” (FREIRE, 1987, p.15). Assim sendo, ainda de acordo com o pensamento freiriano, quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem melhor que eles para compreender o sentido de libertação? Libertação esta que não chegará por acaso, mas pelas práxis da busca pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Nesse sentido, a realização e organização da aula de campo, fomentou a reflexão acerca de metodologias e ações didático-pedagógicas significativas que contemplassem as singularidades dos diversos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, que se dá em todo o contexto social. Conforme nos aponta Arroyo (2012), a pedagogia de ações coletivas, não se limitam ao sistema escolar, considerado centro de produção, sistematização e validação do conhecimento. E sim, se fazem presentes na produção cultural, política e social da humanidade

Parindo de tal compreensão, “[...] práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor oprimido”.

Assim, percebem a educação como possibilidade libertaria, e nessas circunstâncias, a práxis pedagógica entra como tarefa transformadora e humanista. Práxis pedagógica que implica em conscientização política, fazendo os oprimidos refletirem de modo dialético sobre as condições de vida que lhes são impostas.

Ação-reflexão direcionando um caminho de volta...

Dessa forma, pensando em sujeitos criadores, compreendemos o pensamento de Freire (2015), ao dizer que aprender a ler e a escrever não se restringe a memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre essas ações e mais profundamente sobre o

significado e a importância da linguagem. Desse modo, compreendendo quanto as especificidades do Curso de Pedagogia e na reflexão - ação da prática pedagógica, foi pensado uma ação social no Assentamento Dois Irmãos a partir da observação da paisagem, bem como, do que foi relatado pelos assentados. Em consonância com essa reflexão, a ação contou com a colaboração de Professores e estudantes da UFRPE, em março de 2017 após mobilização e articulação com a comunidade acadêmica, familiares e amigos, a equipe multidisciplinar voltou ao assentamento. A ação consistiu em: **Implementação de uma biblioteca** na escola da comunidade com aproximadamente 400 livros novos e usados de temáticas diversas. Na primeira visita foi percebido a necessidade da biblioteca e a fala da comunidade escolar, apontou o interesse, foi possível também a **distribuição de cestas básicas** para as famílias que compõem a escola. Pensou-se nas cestas básicas, por se compreender na paisagem daquele lugar marcado pelas secas periódicas, conforme nos apresenta Castro (1984), desorganizando a economia da região, extinguindo as fontes naturais de vida e deixando seus habitantes desprovidos de alimentos. Nesse sentido, conforme é perceptível na paisagem retratada nas imagens abaixo, é nessa compreensão que a força construtiva da práxis encontra elementos e justificativa para as ações.

Figura 1: Buíque-PE



Fonte: Fotos arquivo pessoal das autoras (2017)

A implementação da biblioteca na escola foi pensada por ser o local mais propício à comunidade, podendo assim ser usufruída por todos e todas que sentirem-se convidados à

leitura de acordo com sua condição de ser letrado. Pois, Freire (1987) afirma que a educação problematizadora requer propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, possibilitando-os uma análise crítica e o reconhecimento de suas partes dentro da interação com o todo. Ou seja, uma compreensão mais profunda do mundo.

Para a implementação da biblioteca, no dia da ação, foi realizada uma oficina de leitura com os moradores do assentamento dividida em dois grupos: um grupo de crianças com faixa etária entre 3 e 12 anos e outro grupo de jovens e adultos com faixa etária entre 14 e 60 anos. Ressaltamos que a atividade nos dois grupos aconteceu no mesmo momento, mediada pela equipe executora da ação, que também foi dividida em dois grupos. A atividade com o grupo das crianças, aconteceu dentro da escola e a atividade com jovens e adultos foi realizada em frente a escola.

A oficina de leitura com jovens e adultos, teve como proposta uma feira de livros (separados antecipadamente) com o propósito de **TROCA**, onde os participantes escolhiam um livro que mais lhe chamasse atenção, em seguida em círculo, se apresentavam e apresentavam o livro escolhido explicando o porquê da escolha, despertando o interesse de outro participante em querer “trocar” o livro. Ao final, o livro mais cogitado a “troca” seria lido, cabendo ao primeiro participante que apresentou, ler ou escolher outra pessoa para realizar a leitura, podendo ser um dos proponentes da ação. Após leitura, o grupo foi convidado a expressar através de palavras, frases ou desenhos sua compreensão e sentimento ao que foi lido.

Figura 2: Oficina de leitura



Fonte: Fotos arquivo das autoras (2017)

As imagens acima representam a oficina da leitura com o grupo de jovens e adultos, organizada ao ar livre em um espaço na frente da escola. Corroborando dessa forma, com o dinamismo da paisagem que constitui e transforma continuamente o lugar. O livro escolhido (mais cogitado) pelo grupo de jovens e adultos, foi “Direitos das Crianças” de Ruth Rocha. Em seguida a leitura realizada por uma proponente da ação (por escolha do grupo) foi apresentado uma compreensão relacionada à ausência de Direitos em que se encontravam. Expressaram nas suas falas e desenhos a preocupação com as crianças inseridas naquele contexto de ausência de direitos e descaso por parte das políticas públicas. Porém ao mesmo tempo que expressavam a preocupação, apresentavam esperança, depositavam nas crianças e adolescentes esperança de mudança por meio da educação.

Firmando essa problematização na Pedagogia do Oprimido, Freire discorre: “Não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. Uma busca, como já vimos, não se faz no isolamento, mas na comunicação entre homens” (FREIRE, 1987,p.82). É esse diálogo que fomenta enfrentamento dos problemas e que perpassa pela educação como prática de liberdade.

Quanto ao grupo das crianças, a dinâmica se diferenciou, pois, o livro que foi escolhido por elas para ler, também foi dramatizado pelos mediadores. E, ao ser perguntado se gostariam de contar ou ler outra história, o grupo iniciou espontaneamente a contação da lenda “Cumade Fulozinha” explicitando assim, o imaginário lendário e tradição oral fruto do folclore brasileiro e da cultura popular regional. Elementos socioculturais que são agrupados constitutivos da configuração espacial do lugar. Deixaram claro também a atenção a escuta dos mais velhos, as raízes identitárias que os caracterizam e torna-os pertencentes ao espaço em que vivem, vislumbrando outros saberes sem perderem suas essências culturais e sociais.

Nessa perspectiva de ideias, Santos afirma:

A geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente[...] A relação social, por mais parcial ou menor que pareça, contém parte das relações que são globais ("mais pequena" é escrito aqui no sentido hispânico de menor de todas). Por exemplo, a história que se passa, neste

exato instante, em um lugarejo qualquer, não se restringe aos limites desse lugarejo, ela vai muito além. A história da produção de um fato desencadeia um processo bem mais abrangente, que insere o fenômeno em contextos cada vez mais amplos. É só através dessa relação que não nos enganamos diante das coisas que têm a mesma aparência. Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico (SANTOS, 1988, p.20).

Compreende-se, pois, que nesse processo de produção e compreensão aliado a realidade social, fomenta um conhecimento problematizador, contribuindo significativamente na percepção de paisagem e espaço e na percepção de mundo.

Algumas considerações

Com tudo, pode-se considerar que a ação possibilitou a compreensão da prática pedagógica como proposição da ação-Reflexão aproximando um diálogo necessário à criticidade da realidade vivida pelos diferentes sujeitos habitantes dos diferentes espaços. A leitura geográfica da experiência numa perspectiva de análise crítica, evidenciou uma complexa percepção acerca dos dilemas que permeiam o espaço e a paisagem intrínsecos ao movimento, produção e realidade da sociedade.

O espaço e a paisagem no Assentamento Dois Irmãos em Buíque, tomaram uma dimensão abrangente no sentido de ver a região como o lugar onde a ação se passou, o espaço da ação. Sendo sua paisagem indubitável no sentido de aproximar as abordagens da geografia às realidades de precarização das condições de vida dos diferentes sujeitos inseridos no contexto de espaço agrário no semiárido Nordeste, resultante de um processo histórico hegemônico.

Concluimos, portanto, que a sistematização da experiência que caracterizou essa ação, propôs comprometer-nos com uma prática educativa dialógica e transformadora. De modo que educadores e educandos sejam no mesmo processo de produção de conhecimento, aprendizes e aprendentes, ressignificando assim seus saberes no exercício da práxis, resultando na ação e reflexão que permita a crítica permanente do sujeito sobre a realidade que o permeia.

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone A.. Geografia na prática pedagógica: a paisagem como ponto de partida. In: **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 10, n. 1, pags. 30-40, jan/jun. 2014.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos outras pedagogias**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2012.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro : pão ou aço**. — Rio de Janeiro : Edições Antares, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1987.

_____. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 15ed-Rio de janeiro: Paz e Terra,2015.

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. — Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo 1988.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O espaço geográfico em questão: uma experiência de renovação teórico-metodológica no ensino de geografia**. Pág.18. Disponível em:

[file:///Users/ericoandre/Desktop/O%20ESPAC%CC%A7O%20GEOGRA%CC%81FICO%20EM%20QUESTA%CC%83O%20\(1\).pdf](file:///Users/ericoandre/Desktop/O%20ESPAC%CC%A7O%20GEOGRA%CC%81FICO%20EM%20QUESTA%CC%83O%20(1).pdf) acesso: 19/julho de 2019.